

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter

da

Silveira

Clube de Cinema da Bahia

11 - Junho - 1966

“De Crápula a Heroi”

(“Il General Della Rovere”)

-FICHA TÉCNICA

Realização — Roberto Rossellini

Argumento — Indro Montanelli

Roteiro — Sérgio Amidei, Diego Fabrizi, Indro Montanelli e Roberto Rossellini

Cenografia — Piero Zuffi

Fotografia — Carlo Carlini

Música — Renzo Rossellini

Interpretação — Vittorio de Sica, Hannes Messener, Sandra Milo, Giovanna Ralli, Anne Vernon

Produção — Zebra Film — Etablissements Gaumont, 1959.

— Leão de Ouro no Festival de Veneza de 1959 —

— Prêmio do Ofício Católico Internacional, no mesmo festival—

Já foram escritos muitos ensaios críticos e biográficos sobre Roberto Rossellini: nenhum terá deixado de dizer que ele foi a maior figura do cinema italiano no tempo que sucedeu à II Guerra Mundial. Todos terão reconhecido que o neo-realismo lhe deve as linhas fundamentais, ainda que se vá buscar antes em «Obsessão» de Lucchino Visconti as origens da escola ou se possa ver depois em *Ladrões de bicicletas* de Vittorio de Sica a maior obra-prima dos anos 40. Quando a guerra acabou, foi sobre «Roma cidade aberta» e «Paisá» que toda a crítica internacional jurou: aí estavam dois filmes (1944-46) que, além de revelar toda uma poderosa personalidade cinematográfica, com uma visão própria da linguagem fílmica, mostravam o admirável temperamento de um povo. O neo-realismo era um estilo orgânico e funcional: por dentro, a autenticidade da estrutura nacional italiana; por fora, também a autenticidade da forma cinematográfica italiana. Ambas correspondiam a uma tomada de posição em que o despojamento exterior e a verticalidade interior indicavam um caminho que podia servir para todos os povos que quisessem se conhecer e exprimir através o cinema.

Rossellini trazia uma razoável experiência de filmar: começara aos 30 anos por uma curta-metragem em 1936, entrara por outras até 1941, quando passou à longa-metragem com «La nave bianca», «Un piloto retorna», «L'uomo della croce» e «Desiderio». Mas, nenhuma dessas fitas daria para suspeitar sua liderança futura: se já se descobria em «La nave bianca» uma tendência para o verismo pela objetividade documental, «L'uomo della croce» acorrentava Rossellini a um compromisso com a propaganda fascista.

Talvez fôsse a recordação desse passado que o tornou, mais tarde, sobretudo a partir de «Alemanha ano zero» (1948), uma figura tão polêmica. De indiscutível mestre do neo-realismo, pela temática e pela linguagem de «Roma cidade aberta» e «Paisá», Rossellini veio para o centro de uma discussão que ainda se prolonga. «Francisco, arauto de Deus» (1949), «Stromboli» (1950) «Europa 51» (1952), «Viagem à Itália» (1953), «Índia» (1957), «De crápula a herói» (1959), «Vanina Vanini» (1961) foram os principais marcos desse debate. Acusado de contraditório, incoerente, às vezes de decadente, ele tem tido força criadora bastante para influir, ao mesmo tempo, sobre a *nouvelle vague* francesa por seus métodos de cineasta e sobre o humanismo cinematográfico universal por seu pensamento de autor. Se, como disse certa vez, o que lhe importa exprimir é o homem, sua realidade, particularmente a interior, procurou sempre, também como disse outra ocasião, começar pela documentação, pelo inquerito, para passar aos motivos dramáticos, para representar as coisas como são, a fim de continuar sobre o terreno da honestidade artística. «E' preciso que o cinema ensine aos homens se conhecerem, para se reconhecerem uns aos outros, em vez de continuar contando sempre as mesmas estórias».

«De crápula a herói» é um exemplo do itinerário rosselliniano.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS

18/6 — "Todos porcos", de Kimihiko Nakamura

25/6 — «Noite do massacre», de Florestano Vancini

2/7 — "A doce vida», de Federico Fellini

9/7 — "Desejos ardentes», de Alf Sjöberg